

Aceitas a inércia da solidez a que estás submetido?

Pâmela Zacharias Sanches Oda

*"Em quantos fragmentos se deve demolir uma forma para que ela
possa ficar livre de seus significados e preposições?
Quanto tempo demora a queda ruidosa de um signo?
Essas imagens retalhadas, mutiladas em cores e contrastes clamam
por alguma luz que não àquela que lhes foi imposta."*

No ano de 2008, em um colégio particular da Cidade de Campinas, estado de São Paulo, a professora de redação do 2º ano do ensino médio propôs aos alunos fazerem um curta-documentário. Esse documentário deveria tratar de um tema de maneira objetiva, de modo a enquadrar-se na tipologia textual dissertativa. Para tanto, além da objetividade, o filme deveria nitidamente apresentar uma tese sustentada por recursos persuasivos audiovisuais. Por conta dessa proposta, alunos de uma classe alta, acostumados a se locomoverem da casa ao colégio-shopping, do shopping-colégio à casa, colocaram-se um desafio: descobrir a própria cidade.

Três meninos optaram por estudar a questão do ícone – mais precisamente as estátuas. Embora a professora tenha desconfiado e alertado o grupo de que deveriam cumprir as instruções que tinham sido apresentadas, permitiu que os alunos se aventurassem na discussão de um tema difícil até mesmo para a academia.

O grupo era formado por alunos muito diferentes entre si, sendo que dois deles não apresentavam um rendimento muito bom nas aulas. No entanto, cada um possuía um elemento que viria a ser essencial para o desenvolvimento do trabalho: um deles, em um trabalho anterior,

mostrou que tinha um olhar especial para fotografias; outro gostava de falar em público e tinha uma dicção muito boa; outro era um aluno à parte. Esse aluno era brilhante em praticamente todos os aspectos notáveis em contexto escolar: melhores notas em todas as disciplinas, melhor comportamento, muito socializável, embora um pouco tímido.

Foi esse grupo que se aventurou por conta própria descobrindo um mundo novo: sua própria cidade.



Legenda 1: imagens de acervo pessoal

Em busca de estátuas, não podiam mais se restringir ao seu limitado círculo social, tinham que ir além: nas praças do centro (perigoso?), nos cruzamentos das avenidas (perigosas?), nos cemitérios. *"Refletem os rostos uma esperança ínfima ou o completo desespero?"*

Nesses novos lugares, com olhares novos, experimentaram a aventura com olhares recém nascidos para a realidade, registrando tudo em instantes fotográficos, qual um impressionista perplexo frente a um pôr-do-sol lilás.

Enquanto os demais grupos tentavam encontrar argumentos óbvios para defender teses também óbvias sobre a lei-seca, sobre Agenda 21,

sobre aborto, os três deixavam a sua crisálida e levantavam vôo rumo a si mesmos, à sua subjetividade, ao abstrato, ao efêmero. À professora o que cabia? Cancelar o trabalho do grupo e fazer com que todos voltassem à proposta original, ou soprar um vento boreal para que fossem mais além? Mais além eles foram. As fotografias foram se aliando a músicas, a palavras, a eles. Dessas fotografias, um texto começou a surgir, como que se sussurrado pelas estátuas. Sentidos nasciam das músicas; sensações escapavam das imagens. Resultado? O trabalho final não foi o trabalho proposto. Seria, portanto, passível de receber anulação.

Mas a professora...

"Sobre quais presunções te alicerças?"

O que resta é proteger a ti mesmo – a busca pelo refúgio dentro do próprio corpo.

Expões a vulnerabilidade de tua prosaica anatomia. A agonia da imobilidade te açoita."

... Não aceitaria este açoite.

Perante uma classe embasbacada e perdida, o documentário foi apresentado. Uma neblina tomava conta da tela e, aos poucos, no enleio de uma música clássica delicada ma non troppo, surgia uma estátua. E outra, e outra e outra e outra, outra ou outra... Num baile, numa valsa. Imagens dançavam na tela com palavras escolhidas a dedo naquele "reino das palavras" em que temos que penetrar surdamente.



A classe? Totalmente quieta. Se celulares tivessem ponteiro, comporiam ali uma serenata. Mas ninguém entendeu o trabalho, fora os três. Ninguém entendeu, mas todos adoraram. Aquietaram-se. A nota máxima foi proclamada na hora. Sem questionamentos. O silêncio daquele instante inundava toda a turma e toda a vida daqueles alunos.

O da fotografia, solitário, desprezado, teve ali seu momento de glória: não ficou mais ensimesmado. O aluno-narrador recebeu o reconhecimento com um sorriso maroto. O outro aluno, já acostumado com o reconhecimento de sua capacidade, percebeu que podia ir além. Além mesmo, tanto que provavelmente está ingressando agora em uma universidade nos Estados Unidos ou na Alemanha, a resposta ainda não saiu. Vai cursar artes. Vai além.

Por todas às vezes a crisálida de uma classe da sociedade impede os homens de irem além. Por várias vezes eles nem querem ir além, querem ser normais, estar na normalidade, fazer o que todos esperam que façam: escolher uma carreira de sucesso, trabalhar e ganhar dinheiro, se casar, trabalhar bem, explorar bem, obedecer bem...

"Qual a escapatória dessa linearidade temporal atada ao peso dos seus átomos? (...)

A que ofereces o altar de tua existência ostentada em expectativas vãs?

Aceitas a inércia da solidez a que estás submetido?"

O problema é que sempre olhamos com olhos carregados de preconceito os homens de todas as classes. Olhamos alunos com esses olhos. Esses olhares *"não são se não esquivas morais, maneiras articuladas de se moldar normas e comportamentos (...)"*.

Quando o vídeo me foi apresentado, não tinha o que falar em sala a não ser agradecer o que tinham feito agradecer a atitude deles de escaparem de um determinismo social. Agradecer que um deles teve a coragem de ir, pela primeira vez em sua vida para o centro da cidade, onde ficavam os ladrões (seriam os pobres? Nossa!), andar pela primeira

vez de ônibus, e descobrir que ver gente e viver livre é que nos faz humanos.

Não existe critério formal e acadêmico para avaliar uma experiência. O que os alunos me apresentaram, além de ser uma produção academicamente impecável, era o registro de vidas que poderiam estar se decidindo naquele momento.



REFERÊNCIAS:

As partes do texto em *itálico* foram retiradas do vídeo apresentado pelos alunos.

sobre o(a) autor(a):

Professora de Língua Portuguesa, graduada em Letras pelo Instituto de Estudos da Linguagem/Unicamp e mestranda em Educação no grupo Olho da Faculdade de Educação da Unicamp.